

# HAYEK E DARWIN EM OPOSIÇÃO A NIETZSCHE: DA CRÍTICA À IDEIA DE EVOLUÇÃO SOCIAL

*HAYEK AND DARWIN IN OPPOSITION TO NIETZSCHE: FROM CRITICISM  
TO  
THE IDEA OF SOCIAL EVOLUTION*

**Viviane Perboni<sup>1</sup>**

**Resumo:** O presente artigo tem a intenção de explicitar através das obras do filósofo austríaco Friedrich Hayek a sua defesa em relação a sua ideia de ordem espontânea (aqui explicitadas no sentido de evolução humana) onde o autor busca embasamento de defesa nas teorias darwinistas, pensamentos esses (Hayek e Darwin) que são avessos à leitura niilista da história, da moral, da sociedade e da política, e que serão abordadas através do estudo do parágrafo: "Anti-Darwin" da obra *Crepúsculo dos Ídolos*, cap. IX, *Incursões de um extemporâneo*. Sob um enfoque de diferentes concepções de analisar a evolução do homem em sociedade aqui demonstradas a partir de (Hayek/Darwin versus Nietzsche) o presente artigo vem propor um estudo sobre a "evolução das sociedades" a partir de uma perspectiva liberal e "jus filosófica" procurando mostrar que é possível uma outra leitura da evolução da sociedade e da política, diferente do pensamento de Nietzsche.

**Palavras-chave:** Evolução Humana; Hayek; Nietzsche.

**Abstract:** This article intends to explain through the works of the Austrian philosopher Friedrich Hayek his defense in relation to his idea of spontaneous order (here explained in the sense of human evolution) where the author seeks to base his defense on Darwinian theories, thoughts (Hayek and Darwin) who are averse to the nihilist reading of history, morals, society and politics, and which will be addressed through the analysis of the paragraph: "Anti-Darwin" from the work *Twilight of the Idols*, ch. IX, *Incursions of an extemporaneous*. Under a focus of different conceptions of analyzing the evolution of man in society demonstrated here through (Hayek / Darwin versus Nietzsche) the present work comes to propose an "analysis on the evolution of societies" through a liberal and "philosophical perspective" trying to show that a different reading of the evolution of society and politics is possible, different from that of Nietzsche.

**Keywords:** Human evolution; Hayek; Nietzsche.

---

<sup>1</sup>Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas- UFPEL, CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9233133830203361>, e-mail: [viviperboni@hotmail.com](mailto:viviperboni@hotmail.com), Telefone: (53) 99973131.

## Introdução

Frente a tal proposta, mostra-se imprescindível a investigação começando pela seguinte pergunta: Seria possível um pensador elaborar reflexões filosóficas, voltadas a problemas específicos em relação a evolução e ao mesmo tempo tomando como ponto de partida o homem? (HAYEK, 1995, p. 21). Pelo menos para Friedrich Hayek a resposta é afirmativa.

Hayek nos esclarece que para compreender nossa civilização é preciso compreender que essa ordem não foi fruto de um planejamento humano, segundo Hayek, essa ordem nasceu de forma espontânea, de certos costumes tradições em grande parte morais (aqui entendidas através de um processo dinâmico denominado “*praxiologia*” (VON MISES)<sup>2</sup> onde o conhecimento e o florescimento das capacidades de cada indivíduo são únicos (SOTO, 2010, p. 11). Sendo assim

Hayek é um defensor da razão e entende que mesmo a razão humana tem seus limites. (...) O ponto de partida de Hayek é o *insight* do filósofo David Hume: as regras da moralidade não são conclusões da nossa razão. Para Hayek, há um processo evolutivo da moralidade, e esta não seria instintiva ou criada pela razão, mas algo *entre* ambos. (CONSTANTINO, 2009, p. 80)

Estudando a penúltima obra do filósofo alemão Nietzsche “Crepúsculo dos Ídolos, cap. IX, Incursões de um extemporâneo” é importante analisar os argumentos por ele defendidos de maneira a fazer uma tentativa de contraponto ao decadentismo de Nietzsche e que refletem a divergência do pensamento dos autores.

Nietzsche tem uma leitura niilista-decadentista (desagregadora e descontínua) do movimento histórico das sociedades, contaminadas pela moral cristã (ARALDI, 2019). Diferente de tudo o que a leitura de Hayek defende, ou seja, o autor, defende sua perspectiva de “evolução humana” sob um enfoque “político e econômico, com vistas à compreensão da evolução das sociedades” tomando sempre o indivíduo como ponto de partida, tanto Hayek

---

<sup>2</sup> O campo de estudos da praxeologia não se limita à sociedade, às relações sociais e aos fenômenos de massa; abrange o estudo de todas as ações humanas. (Von Mises, 2010, p. 742-743) O termo *praxeologia* foi empregado pela primeira vez em 1890 por Espinas, ver seu artigo “Les Origines de la technologie!”, *Revue philosophique*, p. 114-115, ano XV, vol. 30, e seu livro publicado em Paris em 1897 com o mesmo título. \**Praxeologia*: do grego *praxis* – ação, hábito, prática – e *logia* – doutrina, teoria, ciência. É a ciência ou teoria geral da ação humana. Mises definiu ação como “manifestação da vontade humana”: ação como sendo um “comportamento propositado”. A praxeologia a partir deste conceito apriorístico da categoria ação analisa as implicações plenas de todas as ações. A praxeologia busca conhecimento que seja válido sempre que as condições correspondam exatamente àquelas consideradas na hipótese teórica. Sua afirmação e sua proposição não decorrem da experiência: antecedem qualquer compreensão dos fatos históricos. (Greaves Jr in Von Mises, 2010.p. 23)

como Darwin tem uma concepção de ordem espontânea ligadas à ideia de natureza humana, para ambos (o homem sempre está em constante evolução e aperfeiçoamento de suas capacidades).

Sendo assim, o propósito deste trabalho é analisar os argumentos de Hayek e Darwin em oposição a Nietzsche e a maneira como os autores interpretam suas ideias e teorias sobre a evolução humana procurando mostrar que é possível outra leitura da evolução da sociedade e da política, diferente da de Nietzsche.

### **Divergência da leitura de sociedade em Nietzsche e Darwin**

O modo como Nietzsche entende os processos históricos investigados pela genealogia pressupõe muito do pensamento de Darwin - pressupõe a descoberta da evolução por seleção natural, “mas há um afastamento, ou melhor, uma negação por parte de Nietzsche” (AZEREDO, 2015, p. 31).

De fato, o que se tem como ponto de partida para se esclarecer tais argumentações, é a de que Nietzsche não aceita tais concepções sobre as transformações dos seres vivos, da vida e da própria moral defendidas por Darwin para um maior aprofundamento da questão, sugerimos a leitura do artigo “Darwin, Nietzsche e as consequências do Darwinismo”<sup>3</sup> onde o autor João Constâncio professor titular do Instituto de Filosofia e Linguagem da Universidade de Lisboa esclarece o modo como pensa Nietzsche em relação as teorias de Darwin.

Tomando emprestados os ensinamentos de Jéferson L. Azeredo em seu artigo “Os sentidos e consequências do darwinismo nas obras de Nietzsche: seleção natural e poder como fundamentos à vida”, o autor esclarece bem essa divergência entre os autores nos demonstrando que

Se para Darwin a luta pela existência é resultado de fenômenos ligados ao ambiente e a reprodução tornando-se uma lei da vida, uma lei que faz os indivíduos dependentes e dispostos a descendência isso, sempre constante, pois se assim não o fossem morreriam, para Nietzsche não se trata dum “peso”, sofrimento ou dor por viver, mas uma afirmação sempre constante da vida, ou seja, dar vazão a sua força gerada como consequência a conservação, pois “a característica mais geral da vida não é absolutamente a penúria, a miséria, é antes a riqueza, a opulência e o mesmo o

<sup>3</sup> Constâncio, João. Darwin, Nietzsche e as consequências do darwinismo. <https://periodicos.unifesp.br/index.php/cniet/article/view/7788>. Acesso em: 25/02/2022.

absurdo desperdício – aqui onde há luta, é luta por potência” - GD/CI Incursões de um “extemporâneo” &14- (AZEREDO, 2015, p. 34).

Nietzsche vai contra as ideias de Darwin, pois em Nietzsche “as transformações dos seres vivos não ocorrem por meio de seleção natural, mas através de impulsos internos criadores que buscam sempre se intensificar e se superar”. Para Nietzsche, “as espécies são indiferentes à modificação do clima e da alimentação e que não encontram formas de transição entre uma espécie e outra, sustentando com isso a proeminência do interior”, ou seja, dos impulsos que compõem o organismo e que estão em “luta entre si por mais potência sobre o meio ambiente” (ARAÚJO e SILVA, 2006, p. 4).

Essa diferenciação entre os autores se estabelece de forma nítida na obra “A Origem das Espécies” onde Darwin escreveu de maneira diversa à Nietzsche sua maneira de ver esse processo de evolução:

Em Darwin a luta é o eixo central da seleção natural que promove a evolução das espécies.(...) É uma luta que estabelece a permanência e a continuidade pela descendência, “incluindo dependência de um ser de outro, e incluindo (o que é mais importante) não somente a vida do indivíduo, mas o sucesso em deixar descendência” (AZEREDO, 2015, p. 34).

A divergência de ideias entre os autores aparece pois em Nietzsche a luta aparece como três características, a primeira como “uma relação de potências criadoras e constituintes do ser”, a segunda como “potência apolínic e dionisíaca; como prazer;” e a terceira aparece como permanência, “liga-se aos conceitos heraclitianos de movimento, pois este se constitui justo, pela eterna força dos contrários” (AZEREDO, 2015, p. 34).

Em um artigo intitulado “Nietzsche contra Darwin- A Crítica Nietzscheana à luta pela existência” ficam bem demonstradas essas divergências entre os autores, pois em Nietzsche “a luta sempre teve uma posição destacada (vontade de potência) e em Darwin a luta é o motor da seleção constituídas por relações de dependência entre um ser e outro (disputa)” (ARAÚJO e SILVA, 2006, p. 2). Sobre o assunto Azeredo explica que

Diferente (mas não totalmente contrário) de Darwin, em Nietzsche há uma luta mais ínfima, portanto, há primeiro, uma luta interna (pré-seleção) e só depois uma luta externa. Primeiro há a mudança dos órgãos e tecidos para depois, estes, irem à “luta no mundo”. Esta influência recebida, não contradiz Darwin, pois se Darwin via a luta acontecer entre os organismos, mesmo não admitindo (ou percebendo) que há uma luta que antecede (luta das células), não desvalida sua teoria, pois depois da luta interna há a luta externa. Os fatores ambientais e alimentares mudam as células, obviamente, e portanto, a luta muda, pois há novos organismos mudando e indo para a competição, mas para Darwin as mais relevantes são os fatores indiretos, ou seja,

os produzidos pelos fatores ambientais, pois eles “aguçam” a uma maior luta. Reduzir os alimentos numa região enfatiza a competição (AZEREDO, 2015, p. 35).

Nietzsche justamente atacou essa concepção pois o autor tenta demonstrar que “a luta pela existência” ocorre, pois, “de fato, ela ocorre”, “infelizmente tentando demonstrar que ela resulta no contrário do que deseja a escola de Darwin”, nos chamando atenção para o “resultado não é um progresso, nem uma complexificação, mas sim o que Nietzsche chama, com provocação, de vitória dos fracos” (NIETZSCHE, 2006, p. 64). O autor faz essa crítica

(...) no que se refere à famosa luta pela vida, parece-me que está mais afirmada do que demonstrada. Apresenta-se, porém, como exceção; o aspecto geral da vida não é a indigência e a fome, mas ao contrário, a riqueza, a opulência, até, se se quer, uma absurda prodigalidade; onde há luta é pela dominação.(...)Todavia, concedendo-se que essa luta exista, e ocorre alguma vez, com efeito, desgraçadamente, finda duma maneira contrária a que deseja a escola de Darwin ao desenlace que não ousaríamos desejar com ela; quero dizer que finda em detrimento dos fortes, dos privilegiados, das exceções felizes. As espécies não caminham para a perfeição, os débeis acabam por se converterem em senhores dos fortes por que têm em seu favor o número e também são os mais astutos. Darwin esqueceu o espírito (o esquecimento é bem inglês) e os débeis têm mais espírito. É preciso ter necessidade do espírito para chegar a possuí-lo e se perde quando não é mister. O que detém força se desfaz do espírito (NIETZSCHE, 2006, p. 64).

Nietzsche, não aceita esse gradualismo que, devido à luta pela existência ser acirrada, uma pequena variação provoque um desequilíbrio considerável. Nietzsche considera que a vida deva superar a si mesma, quer buscar mais por intensificação dos recursos, que não busca a utilidade de sua estrutura para a persistência na existência. Dessa maneira “o isolado que é capaz de criar uma nova moral” (ARAÚJO e SILVA, 2006, pp. 3-4). E segue:

A consideração de todos estes aspectos deixa bem clara a importância que tem para Nietzsche a crítica de Darwin à noção de teleologia, bem como a substituição, implicada nela, da noção de “propósito” pela noção de “seleção”. Mas a consideração desses aspectos faz perceber também por que razão Nietzsche diz que Darwin “esqueceu o espírito”<sup>4</sup>. Darwin (como provavelmente lhe competia enquanto cientista) parou na noção de seleção natural. Não percebeu nem a evolução das sociedades humanas (isto é, o mecanismo da seleção social), nem a possibilidade da criação de formas individuais de uma “espiritualidade superior” (isto é, o mecanismo da seleção individual) – e, por isso, não percebeu o homem (CONSTÂNCIO, 2010, p. 146)<sup>5</sup>

<sup>4</sup> Cf. KSA 6.120, GD/CI, “Incursões de um extemporâneo”, § 14. Provavelmente, é impossível determinar se Nietzsche estava consciente de quão perto se encontrava Darwin da ideia de “group selection” (DARWIN, 2004, p. 152), mas, de todo o modo, é evidente que Darwin não retira dessa ideia as consequências genealógicas que ela tem para Nietzsche. Note-se também que a ideia de “group selection” não é tanto a ideia de que algumas sociedades humanas desenvolvem características que levam à sua seleção em detrimento de outras sociedades quanto a ideia, somente, de que algumas sociedades humanas desenvolvem características que as fazem crescer mais do que outras. A “seleção” é seleção dessas características e, no caso de Nietzsche, isso significa a seleção de certos instintos em vez de outros. Os verdadeiros “replicadores” da evolução das sociedades humanas são os instintos (RICHARDSON, J. in CONSTÂNCIO, 2010, p.145)

<sup>5</sup> Esta incompreensão do espírito está provavelmente na base da “falta de sentido histórico” que, segundo Nietzsche, caracteriza os “filósofos ingleses”, em particular os darwinistas que empreenderam as primeiras

Diferente de Nietzsche para Darwin, o homem varia em sua estrutura corporal e nas faculdades mentais e transforma-se pela seleção natural dessas variações: E defendeu que

(...) raças ou espécies humanas sucedem-se umas às outras (...). As faculdades mentais, incluindo a moral, desenvolvem-se da mesma maneira que a estrutura corporal. O desenvolvimento moral é um longo e complexo desenvolvimento que se iniciou a partir de instintos animais mais simples. A maior distinção entre os animais e o homem não está na presença de certas faculdades (tais como razão e memória, etc.) e emoções (amor, ciúme, vingança e beleza, etc..) o que nos distingue das outras espécies é o sentido moral ou a consciência que é capaz de superar seus motivos e suas ações passadas e futuras, de aprová-las ou reprová-las. (...) A seleção natural é resultado da luta pela sobrevivência entre indivíduos e, quanto mais semelhante eles são, mais acirrada é a competição, porém, (...). Quanto mais desenvolvida a moral e as faculdades intelectuais, maior probabilidade de sucesso tem o grupo. (.....) Darwin não questiona o valor moral, ele indica uma diferença entre os selvagens e os civilizados, enquanto que a seleção natural elimina os homens de corpo e mente. (ARAÚJO e SILVA, 2006, p. 5)

Para Nietzsche, as questões apontadas são a luta por sobrevivência, o processo de seleção natural e a moral em que a vida é sempre o resultado de uma luta, pois para o autor a luta “é em si mesma a condição de vida, negá-la e morrer”, à luta, ela é “elemento que proporciona a vida”, diferente de tudo o que Darwin defende, ou seja, e que a seleção dos seres vivos ocorrem por meio de seleção natural estabelecida pelo ao autor como eixo central (de vida e da própria moral através da competição com outros seres e não uma luta individual) (AZEREDO, 2015, pp. 31-32).

### **Visões de evolucionismo humano na visão de Hayek – ancorada pelas teorias de Darwin**

As relações humanas são, antes de tudo, objeto de inúmeras pesquisas. A observação diária da realidade contemporânea no mundo, cujas informações chegam ao nosso conhecimento com velocidade surpreendente, provocam diversas interrogações. Nesse sentido, a evolução da humanidade continua sendo o enfoque de intrigantes objetos de estudo e questionamentos até hoje, pois a maneira como o homem vive em sociedade faz com que ele deva enfrentar e resolver todos os óbices de seu desenvolvimento e, ao mesmo tempo, proporcionar e garantir melhorias qualidade de vida e progresso.

---

genealogias da moral. Essa falta de sentido histórico faz que, entre outras coisas, não percebam que o abandono da crença cristã em Deus implica também o abandono do direito à moral cristã. Nietzsche considera absurda qualquer tentativa (como é corrente ainda nos nossos dias) de justificar a moral cristã de um ponto de vista naturalista, como faz Darwin com base na noção de “instintos sociais”: cf. KSA 5.247-255, GM/GM, “Prefácio” e, muito especialmente, KSA 6.113, GD/CI, “Incursões de um extemporâneo”, § 5 in CONSTÂNCIO, 2010, p.146).

Curiosamente, Darwin estava lendo Adam Smith quando escreveu “A Origem das Espécies”, tendo ele já sugerido a possibilidade de usar sua teoria para explicar a evolução das sociedades. Daí podermos falar de um evolucionismo pensado de forma liberal (MARCIAÑO, 2009, p. 52). Nessa mesma linha, e ao tratar sobre esse assunto, Matt Ridley nos dá um exemplo dos avanços sofridos pela sociedade ao longo dos anos, demonstrando que

Sobre a mesa em que escrevo repousam dois objetos mais ou menos do mesmo tamanho e da mesma forma: um é o *mouse* sem fio de um computador; o outro, um machado do período Mesolítico, de meio milhão de anos. Ambos foram projetados para adaptar-se à mão humana — para obedecer às limitações de serem usados por seres humanos. Mas são imensamente diferentes. Um é confecção complexa de muitas substâncias com um desenho interno intricado que reflete múltiplos aspectos do conhecimento. O outro é substância única que reflete a habilidade de um só indivíduo. A diferença entre eles mostra que a experiência humana atual é enormemente diversa da experiência humana de meio milhão de anos. (RIDLEY, 2014, p. 7)

De fato, a evolução do homem e das sociedades foi surgindo de forma espontânea, as pesquisas no que se refere à evolução humana não se esgotam. Isso se deve, naturalmente, à constante evolução das sociedades, o que exige, sobretudo, novas respostas para as teorias já existentes e para as que estão por vir.

Por natureza tendemos a buscar sempre melhores condições, o homem foi espontaneamente fundando certas instituições como a propriedade privada, a livre troca, os valores fundamentais, os quais não foram planejados, mas surgiram espontaneamente. Nas palavras de Darwin “Os habitantes de cada período sucessivo na história do mundo superaram seus predecessores na corrida pela vida, e são neste sentido, superiores na escala da natureza” (DARWIN, 1859, pp. 343-448 in AZEREDO, 2015).

Na ontologia de Hayek o homem que é consciente de suas próprias limitações e, “saber de sua ignorância”, ao mesmo tempo sabe ser sábio, pois dentre as provações e experiências existentes encontra meios de contorná-las, experimentando e criando novas ferramentas”, nas palavras de Hayek o homem está sempre em constante evolução e competição. Na verdade, através deste processo de experimentação que para Hayek é o mais rico processo de aprendizagem, pois “cada indivíduo examina os fatos que conhece e, a partir daí, adapta-se ao mundo tendo em vista seus próprios fins” (GANEM, 2012, p. 107).

A maior contribuição teórica de Hayek é a sua “teoria de ordem espontânea do mercado entendida como uma teoria da sociedade” o autor constrói sua teoria suscitando o enfrentamento de inúmeros desafios como a “cosmovisão da sociedade” onde o indivíduo passa a perceber que as informações passam a estar de maneira articulada, ou seja, dispersas em sociedade e descobertas entre erros e acertos através de um “processo de experimentação”, outro aspecto são as “contribuições metodológicas” que nada mais são do que o direito e as regras para a convivência harmoniosa em sociedade estabelecendo-se assim “um fino diálogo com a “heterodoxia”, outro aspecto e a “apurada crítica à formulação matemática do mercado” (aqui como uma crítica aos modelos de sociedades planejadas), assim o autor nos demonstra uma “articulada estrutura teórica” nos demonstrando esta ser a “melhor forma de organização social para as sociedades contemporâneas (GANEM, 2012, p. 99).

Esse aspecto também analisado pelo escritor, político, zoólogo Matt Ridley:

E isso por uma razão simples já percebida por autores como John Locke e Immanuel Kant: a mera mutualidade não dá conta de conter, por exemplo, ladrões e trapaceiros. Embora reconheçamos que “não mentir” e “não matar” sejam imperativos justificáveis racionalmente, objetivamente, a simples justificação não os assegura. Daí que leis com poder coercitivo sejam necessárias. Ela (justificação) é necessária, mas não é suficiente. Mas o ponto é que somos inerentemente inclinados à socialização, ao convívio com os demais. (RIDLEY, 1996 in FERRAZ, 2017, p. 20)

Nesse sentido, a fim de buscar respostas aos problemas gerados por estas infundáveis interações sociais, esta pesquisa oferece perspectivas sobre algumas dessas teorias evolucionistas sobre a ordem espontânea em sociedade, para que possamos compreender que o princípio básico do progresso e desenvolvimento social somente pode ser alcançado na medida em que o homem passar a atingir um certo nível de cooperação e evolucionismo pessoal (de autoconhecimento, ou seja, tomando ele mesmo indivíduo como ponto de partida), econômico, social e cultural. De acordo com Matt Ridley

Argumentar que a natureza humana não mudou e sim a cultura humana não significa rejeitar a evolução — muito pelo contrário. A humanidade está experimentando uma extraordinária explosão de mudança evolucionária impulsionada pela boa e velha seleção natural darwiniana. Mas é uma seleção entre ideias e não entre genes. O *habitat* em que essas ideias residem é o cérebro humano (RIDLEY, 2014, pp. 10-11).

A sociabilidade não é adquirida, mas inata, ou melhor, como Hayek e Darwin afirmam é instintiva. Darwin insiste que os primeiros estágios da vida humana ou animal eram sociais, todos admitem que o homem é um ser social. Para justificar esse fato Hayek afirma: “O selvagem não é solitário o seu instinto é coletivista”. Darwin e Hayek consideram

as interações humanas como tendo dupla dimensão, baseada em instintos e moralidade primeiro a sociabilidade do nascimento a moralidade “qualquer animal dotado de instintos sociais (...) inevitavelmente adquire uma moral, sentido ou consciência” a moral gera a sociabilidade. A moralidade possibilita a interação social e permite o desenvolvimento de faculdades superiores, como a razão e a inteligência. Nas palavras de Hayek:

O homem não nasce sábio, racional e bom, mas é ensinado a se tornar assim. Não é o nosso intelecto que criou a nossa moralidade, em vez disso, as interações humanas regidas por nossa moral tornam possível o crescimento da razão e essas capacidades associadas a isso (MARCIAÑO, 2009, p. 56).

Neste sentido, Hayek afirma que ao longo da história a evolução social “segue em muitos aspectos o mesmo padrão da evolução biológica”, pois ambas se baseiam em uma espécie de seleção natural. Em outras palavras, tanto a evolução biológica quanto a cultural contém o mesmo princípio de seleção que são a sobrevivência ou vantagem reprodutiva, variação, adaptação e concorrência, é essencialmente o mesmo tipo de processo, no entanto, diferentes mecanismos particulares (MARCIAÑO, 2009, p. 56). Para Ridley,

Isso é o que quero dizer quando falo em evolução cultural: em algum momento antes de 100 mil anos atrás, a própria cultura começou a evoluir de um modo como nunca acontecera em qualquer outra espécie — isto é, repetindo-se, transformando-se, competindo, selecionando e acumulando — algo parecido com o que os genes haviam feito por bilhões de anos (RIDLEY, 2014, p.10).

Assim Darwin lembra que “não se pode explicar a evolução do homem e suas faculdades sociais sem uma referência de seleção natural a luta pela vida”. Afirmando que a seleção natural norteia tanto a evolução biológica quanto a cultural, mas ambos os autores (Darwin e Hayek) concordam que a seleção não é suficiente para explicar todo o complexo fenômeno da evolução social (MARCIAÑO, 2009, p. 57). Para tornar mais clara essa explicação tomo emprestado os ensinamentos de Ferraz em seu artigo “*Liberdade, Ordem e Justiça: uma abordagem “ordoliberal”*”, onde esclarece que:

Antes de seguirmos, penso que se justifica apenas tecermos alguns comentários sobre a relação entre ‘evolução’ e ‘liberalismo’, uma relação, aliás, mencionada pelo próprio Hayek. Afinal de contas, todo modelo filosófico, em alguma medida, se baseia em uma ideia de natureza humana. A de Hayek é aquela oriunda da evolução (darwiniana). (...) é interessante observar que compreendemos a racionalidade de ideias tais quais as de ‘livre mercado’, ‘liberdade’, ‘direito’, ‘especialização do trabalho’, ‘propriedade privada’, ‘pactos/contratos’, etc., quando retroativamente nos dirigimos aos sujeitos e às suas capacidades. Noutros termos, embora não tenhamos como ponto de partida uma suposta ideia de natureza humana, nossas ações e os objetos dessas ações nos remetem a tal ideia (de natureza humana) (FERRAZ, 2017, p.18).

Para que se entenda essa estrutura, Hayek, mostra-nos, ainda que o objetivo é o de demonstrar que a teoria da evolução cultural pode ser de fato considerada darwiniana pois ambas as teorias pertencem a mesma tradição filosófica ou ontológica do iluminismo escocês, além disso ambas levam em consideração as especificidades da evolução cultural, e a respeito da evolução biológica tanto Darwin como Hayek consideram que essa seleção ocorre em nível de grupo, sendo que essa transmissão de características adquiridas ocorre através da ordem espontânea (MARCIANO, 2009, p. 60). O livro do zoólogo Matt Ridley, “O Otimista Racional” demonstra bem essa ideia e segue explicando que

Por meio do intercâmbio, os seres humanos descobriram “a divisão do trabalho”, a especialização de esforços e talentos para o ganho mútuo. A princípio poderia parecer uma coisa insignificante, não notada por primatologistas de passagem, se estes tivessem direcionado suas máquinas do tempo para o exato momento em que isso começou. Teria parecido muito menos interessante que ecologia, hierarquia e superstições da espécie. Mas alguns homens-macacos tinham começado a trocar comida ou ferramentas com outros, de uma forma em que ambos os parceiros da troca ficaram em melhor situação e ambos mais especializados. A especialização estimulou a inovação porque estimulou o investimento de tempo numa ferramenta de fazer ferramentas. Isso poupou tempo, e a prosperidade é simplesmente o tempo poupado, que é proporcional à divisão do trabalho. Quanto mais os seres humanos se diversificaram como consumidores e se especializaram como produtores, e quanto mais eles trocaram, mais bem-sucedidos foram, são e serão. E a boa notícia é que não existe fim inevitável para esse processo. Quanto mais as pessoas forem atraídas para a divisão internacional do trabalho, mais poderão especializar-se e trocar, mais ricas ficarão. Além disso, ao longo do caminho, não há razão pela qual não possamos resolver os problemas que nos acossam, de desastres econômicos, explosões populacionais, mudança climática e terrorismo, pobreza, aids, depressão e obesidade. Não será fácil, mas é perfeitamente possível, realmente provável, que, no ano 2110, um século depois de este livro ser publicado, a humanidade esteja melhor, muito melhor do que está hoje, e, assim também, a ecologia do planeta que habita. (RIDLEY, 2014, pp. 10-11)

Na visão de Matt Ridley eles haviam somente agora entendido o que Friedrich Hayek chamou de “*catalaxia*”, que é “a possibilidade de expansão permanente (Ridley, 2014, p. 52). Entendido isso, Matt Ridley afirma que

(...) Ao procurar dentro de nossas cabeças, estaríamos buscando no lugar errado a explicação para essa extraordinária capacidade de mudança da espécie. Não foi algo que aconteceu dentro de um cérebro. Foi algo que aconteceu entre cérebros. Foi um fenômeno coletivo. Olhe novamente para o machado primitivo e o *mouse*. Ambos são “artificiais”, mas um deles foi feito por uma só pessoa, o outro, por centenas de pessoas, talvez milhões. Isso é o que chamo de inteligência coletiva. Nenhuma pessoa sozinha sabe como fazer um *mouse* de computador. A pessoa que o montou na fábrica não sabia como cavar o poço de petróleo de onde derivou o plástico, ou vice-versa. Em algum ponto, a inteligência humana tornou-se coletiva e cumulativa de uma forma que não aconteceu com nenhum outro animal (RIDLEY, 2014, p. 9).

Sendo assim, Hayek explica que “não são as finalidades que unem os indivíduos, mas os meios”, todos mesmo sem se dar conta, participamos da construção da sociedade

ressaltando que “todos contribuímos, de fato, não só para a satisfação de que não temos conhecimento, mas por vezes até para a consecução de fins que desaprovaríamos se os conhecessemos” (HAYEK, 1985, p.132). Uma boa explicação é a do

(...) livro publicado em 1996 (“The Origins of Virtue”), o Zoólogo Matt Ridley coloca a questão: “Por que nós, humanos, nos comportamos da forma cooperativa particular tal como nos comportamos?” Ou, ainda, a questão é sobre a razão de cooperarmos e sua relação com o progresso. Em verdade, o que temos, aqui, é a evolução de instintos socialmente estimáveis de cooperação. Não se trata de algo que foi criado por alguém, mas de algo que se desenvolveu evolutivamente, passando a fazer parte da natureza humana mesma. Noutros termos, após muito tempo nossos ancestrais desenvolveram um instinto de ‘mutualidade’ que nos permitiu, enquanto humanidade, buscar por fins individuais em um contexto social cooperativo. Com efeito, mutualidade não é uma mera forma de cálculo egoísta com vistas à realização de algum fim privado (como em um ‘jogo de soma zero’). Ela é mais profunda, pois emerge de forma inconsciente a partir de um instinto tornado inato (de cooperação) (FERRAZ, 2017, p. 20).

Retomando a questão inicial, o caminho de investigação exposto por Matt Ridley, é baseado no que Adam Smith e Charles Darwin escreveram, o autor tentou “interpretar a sociedade” como produto de uma jornada tomando emprestada a explicação do filósofo Dan Dennett que defende que

a evolução “aumenta de intensidade” por meio da seleção natural entre culturas mais do que entre variações genéticas e como ordem emergente gerada pela mão invisível de transações individuais e não como produto do determinismo de cima para baixo. (RIDLEY, 2014, p. 289)

Na mesma linha de pensamento, Ridley segue esclarecendo que “o mundo de baixo para cima será o grande tema desse século” (Ridley, 2014, p. 294). E completa que por uma razão simples já percebida por autores como John Locke e Immanuel Kant: é a de que somos inerentemente inclinados à socialização, a competição (aqui no sentido de luta pela vida) e ao convívio com os demais para a evolução e progresso pessoal e social (RIDLEY, 2014, p. 294).

### **Considerações Finais**

Ante estes argumentos expostos fica nítido de que as teorias de Nietzsche são avessas as ideias defendidas por Hayek (teorias essas ancoradas à luz dos ensinamentos de Darwin). Entre as várias considerações submetidas fica demonstrado que para Nietzsche a sociabilidade não é instintiva, mas sim derivada, pois há uma necessidade de sobrevivência, que na visão do autor essa sobrevivência é um instinto dos fracos, tomando emprestado os ensinamentos de Araldi (ARALDI, 2019) este nos esclarece que na concepção de Nietzsche,

o homem nobre é isolado e está fora da sociedade, e o que seria um processo de evolução social para Hayek e Darwin (vem isso como positivo) para Nietzsche é decadência pois o autor é pessimista pois não vê uma evolução social em que o indivíduo possa ter florescimento humano, pois o autor vê as sociedades modernas como uma lógica de desagregação e de desconstrução (moral cristã).

Já em Hayek a conclusão que o autor defende toma sempre o indivíduo como ponto de partida para explicar toda a estrutura sobre a existência deste e da sociedade e são explicitadas pelo autor através das mais diversas áreas como: áreas sociais, políticas e econômicas demonstrando assim que a sociedade (ordem espontânea e a “cataclaxia”), na explicação de Hayek estão sempre em constante evolução, e a possibilidade de termos um novo olhar sobre perspectivas procurando mostrar que é possível uma outra leitura da evolução da sociedade e da política diferente de Nietzsche.

Como toda matéria científica, é importante assegurar que não há pretensão de oferecer respostas definitivas aos problemas. O objetivo proposto é, antes de tudo, identificar, argumentar e defender uma posição através do viés liberal de forma a melhor compreendermos o enfoque deste trabalho que é a argumentação evolucionista à luz das teorias defendidas por Hayek e Darwin de maneira à contrapor as ideias de Nietzsche para, assim, oferecer explicações de maneira construtiva aos temas discutidos neste presente artigo.

## Referências

ARALDI, C. Aula ministrada em “Genealogia e Crítica da Moral II”, no **Curso de Doutorado em Filosofia** da Universidade Federal de Pelotas em 03/07/2019.

ARAÚJO, B; SILVA, F. Nietzsche contra Darwin - **A Crítica Nietzscheana à luta pela existência**. Centro de pesquisas Estratégicas “Paulino Soares de Souza”. Universidade Federal de Juiz de Fora.

AZEREDO, J. **Os sentidos e consequências do darwinismo nas obras de Nietzsche: seleção natural e poder como fundamentos à vida**. Revista Lampejo. nº 8 - semestre 2 – 2015.

CONSTÂNCIO, J. **Darwin, Nietzsche e as consequências do darwinismo**, cadernos Nietzsche, vol. 26, 2010.

CONSTANTINO, R. **Economia do Indivíduo: O legado da Escola Austríaca**. São Paulo:

Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2009.

DARWIN, C. **On the Origin of the Species**. London: Murray and Sons, 1859.

DARWIN, C. **The Descent of Man**. Londres: Penguin, 2004.

FERRAZ, C. **Liberdade, Ordem e Justiça: Uma abordagem ‘ordoliberal’**. Revista de Filosofia/UFPEL/RS. ano 2017.p.18.

GANEM, A. **Hayek: da teoria do mercado como ordem espontânea ao mercado como fim da história**. Política e sociedade – Florianópolis - Vol. II- nº 22- novembro 2012.

HAYEK, F. **A arrogância fatal: os erros do socialismo**. Tradução de Henry Maksoud. Porto Alegre: Ortiz, 1995.

\_\_\_\_\_. **Direito, legislação e liberdade: uma nova formulação dos princípios liberais de justiça e economia política**. Volume II: A miragem da justiça social. São Paulo: Visão, 1985.

MARCIANO, A. **Why Hayek is a Darwinian (after all)? Hayek and Darwin on social evolution**. Journal of Economic Behavior & Organization 71 (2009).

NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos ídolos. Como se filosofa com o martelo**. (Tr. Paulo C.de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **Genealogia da moral**. Uma polêmica. (Tr. Paulo C. de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

RIDLEY, M. **O Otimista Racional**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

\_\_\_\_\_. **The Origins of Virtue**. New York: Penguin Books, 1996.

SOTO, H. **A Escola Austríaca**. 2. ed. São Paulo: Instituto von Mises Brasil, 2010.

VON MISES, L. **Ação Humana- Um tratado de economia**. – São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.